
CODA - NO RITMO DO CORAÇÃO: ENSAIO SOBRE A SENSIBILIDADE MUSICAL NA SURDEZ

Maitê Thainara Barth¹
Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira²
Fernanda Luiza de Faria³

Resumo: O encontro com o filme *No ritmo do coração* (originalmente CODA - *Child Of Deaf Adults*), possibilitou entrelaçar inquietações produzidas pelas leituras da Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari. Assim, foram delineados caminhos de um relato de experiência escrito no formato de ensaio, objetivando compreender quais aproximações podem ser feitas entre surdez, ciência e o material artístico audiovisual a partir de interpretações da Filosofia da Diferença. A escrita do ensaio possibilita uma análise interpretativa e experimental ao relacionar esses diferentes objetos de estudo sem a intenção de desassociá-los. Uma das principais percepções é a influência do medo e insegurança como aspectos mantenedores da lógica dominante, capitalista. Essas microgestões envolvem cada movimento de Ruby Rossi, personagem principal da obra, que caminha receosa por linhas de fugas formadas sutilmente em busca de um outro futuro. Tentando se afastar da segmentação por compor com uma família que destoa da normatividade imposta. O filme retrata sensivelmente como as palavras fruto da língua oral são incapazes de expressar os sentimentos que borbulham do lado de dentro do peito de Ruby. As relações com a ciência são identificadas em cenas onde os personagens retratam sentir a música em todo o corpo através das vibrações das ondas sonoras, não restringindo apenas ao sentido da audição. Que deixemos o desejo impulsionar, movimentar, revolucionar, para que possamos coletivar e compor de outras formas.

Palavras-chave: No ritmo do coração; CODA; Língua de sinais; Filosofia da Diferença; Ensaio.

CODA - IN THE RHYTHM OF THE HEART: ESSAY ON MUSICAL SENSITIVITY IN DEAFNESS

Abstract: The encounter with the film *In the rhythm of the heart* (originally CODA - *Child Of Deaf Adults*), made it possible to intertwine concerns produced by the readings of Deleuze and Guattari's Philosophy of Difference. Thus, paths were outlined in an essay format, aiming to understand which approaches can be made between deafness, science and audiovisual artistic material from interpretations of the Philosophy of Difference. The writing of the essay enables an interpretative and experimental analysis by relating these different objects of study without the intention of disassociating them. One of the main perceptions is the influence of fear and insecurity as maintaining aspects of the dominant, capitalist logic. These micro-managements involve each movement of Ruby Rossi, the main character of the work, who fearfully walks along subtly formed escape lines in search of another future. Trying to get away from the segmentation by composing with a family that clashes with the imposed normativity. The film sensitively portrays how words, the result of oral language, are incapable of expressing the feelings that bubble up inside Ruby's chest. Relationships with science are identified in scenes where the characters portray feeling music throughout their bodies through the vibrations of sound waves, not just restricting them to the sense of hearing. Let the desire drive, move, revolutionize, so that we can collect and compose in other ways.

Keywords: In the rhythm of the heart; CODA; Sign language; Philosophy of Difference; Essay.

¹ Mestranda em Educação em Ciências e em Matemática na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Licenciada em Química pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: maitebarth13@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5072-6561>

² Doutor e Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação pelo CEFET-RJ. Licenciado em Química pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: robertodalmo@ufpr.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8348-966X>

³ Doutora e Mestre em Química pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Licenciada em Química pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: fernandafaria@ufsj.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3326-9204>

1 INTRODUÇÃO

Estar aberto para se transformar pelo encontro, é o que Espinosa (2009) enuncia. São nesses momentos inesperados que nos afetamos de maneira significativa, sem o controle e sem expectativas antecipadas. Como um filme iniciado em uma tarde qualquer, desconhecido, sem a divulgação milionária de grandes companhias e sem o conhecimento prévio da narrativa. O roteiro simples e envolvente possibilita novas conexões com rizomas que já estremeciam por aqui, se deparando com a Filosofia da Diferença e a surdez, podendo ser caminhos interessantes de serem cruzados.

O filme intitulado originalmente CODA (sigla para *Child Of Deaf Adults*⁴), e na versão brasileira *No ritmo do coração*, chegou despretensiosamente nos principais festivais de cinema do mundo em 2021, sendo vencedor do Oscar de 2022 nas categorias de melhor filme, melhor roteiro adaptado e melhor ator coadjuvante. De modo geral, a história conta um momento decisivo de Ruby Rossi, filha ouvinte de pais surdos, que por um impulso movido pelo desejo, vai em busca do sonho de cantar e se encontra dividida na rotina entre a música, trabalho e família.

Em contrapartida às entrelinhas capacitistas⁵, o filme apresenta personagens com vontade de mudar as más condições de trabalho da comunidade em que vivem, com entendimento que as mudanças precisam acontecer coletivamente. Traz ainda personagens que buscam criar laços com pessoas ouvintes que não conhecem a língua de sinais, apresentando o desenvolvimento de relações amorosas, relações sexuais, senso de humor, entre outros. Ou seja, dão visibilidade para que novas nuances sejam compreendidas, onde um sujeito surdo não é limitado pela diferença de comunicação. Apesar da Ruby ser a principal mediadora da família, interpretando e traduzindo a língua de sinais e língua oral, a superação desse aspecto acontece, mostrando que nenhum personagem é limitado pela linguagem.

A linguagem é constantemente debatida por Jorge Larrosa (2014), principalmente no que diz respeito a sua enfermidade. As palavras que pouco dizem, pouco expressam, que parecem não ser suficientes para dizer o que se passa do lado de dentro, que sufocam e pesam por não sair. Como tentar expressar tudo o que se acumula? A oralidade é a única forma possível de expressar tudo isso? Junto dessas reflexões, a Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari possibilita espaços para se pensar a diferença, a não conformidade, a subjetividade. Isso porque a Filosofia da Diferença se dedica à multiplicidade, às subjetividades, recusando a unidade (*Uno*) que limita entendimentos coletivos e dos agenciamentos maquínicos (GALLO, 2008). São nessas brechas que a potência de sujeitos marginalizados perante as dominações capitalistas são capazes de aparecer, sobressair e impulsionar. Por isso, relações entre surdez e a Filosofia da Diferença tornam-se interessantes e

⁴ A tradução literal em Português seria: filha/o de adultos surdos.

⁵ Discriminação à pessoa com deficiência, principalmente pelo estereótipo de padrões corporais e mentais construídos e perpassados estruturalmente pelo sistema capitalista (LIMA, 2021).

inesperadas, que outras produções pouco se debruçaram até então. Aqui, nos distanciamos de algumas metodologias tradicionais da ciência que buscam enquadrar em diferentes lógicas do audiovisual, a surdez, a Filosofia da Diferença e as relações científicas. A relação entre sujeito, nós, e os objetos que buscamos relacionar perpassa pelas experiências, leituras, reflexões teóricas e a arte, que vivem latentes e indissociáveis em nossas vivências. Aos estímulos de Larrosa (2003), buscamos sair do conformismo linguístico, robusto e sistemático, para que novos aprendizados sejam possíveis através da linguagem escrita, lida, escutada, falada, sinalizada, interpretada.

Ao contrário do que alegam aqueles que atentam contra o ensaio e dizem que tal gênero carece de diálogo com o campo científico e se torna a escrita de opiniões ou especulações, Starobinski (2018, p. 25) indaga: “como o autor de um ensaio crítico ignoraria hoje a presença maciça das ciências humanas, linguísticas, sociologias, psicologias (no plural), ocupando maior parte da cena intelectual?”. Nossa escrita não deixa de lado tal rigor, uma vez que compõe majoritariamente com as obras de Deleuze e Guattari no campo que ficou conhecido como Filosofia da Diferença. A opção pelo ensaio encontra-se na transformação de uma então “rigidez” característica do gênero artigo científico em uma “rigoriedade”. O ensaio nos liberta de algumas convenções de gênero. É uma opção, como pontua Starobinski (2018, p. 25):

Nada dispensa elaborar o saber mais sóbrio e escrupuloso, mas com a condição expressa de que esse saber seja substituído e encampado pelo prazer de escrever, e sobretudo pelo vivo interesse que sentimos diante de um determinado objeto do passado para confrontá-lo com o nosso presente, no qual não estamos sozinhos, no qual não queremos ficar sozinhos. (STAROBINSKI, 2018, p. 25).

A escrita ensaística possibilita reflexões significativas para responder a questão problema proposta: Quais aproximações podem ser feitas entre surdez, ciência e o filme *No ritmo do coração* a partir de interpretações da Filosofia da Diferença? Em um relato de experiência pelo encontro com as narrativas do filme e com Ruby, o ensaio inicia discutindo a dominação da língua oral em relação à língua de sinais no capitalismo, seguida da insuficiente manipulação de palavras que não significam o que se deseja expressar. Traçamos também relações entre a ciência, música e surdez, perpassando por questionamentos de inquietações sobre os espaços que ocupamos.

2 QUE DESEJOS MOVEM ESSE CORPO?

De minha boca sai uma voz que incomoda, retumba e me custa. Mas ninguém escuta. O incômodo das súplicas não atinge quem deveria, volta e fica. Dentro do peito, grita. E permanece presa, porque ninguém escuta os ecos. Ela custa, muito. Sonos, anseios, culpas e lutas. De minha boca não sai mais uma voz que incomoda, sem perceber a ausência tomou conta de tudo. Silenciada, calada ou apenas ignorada? É o que me pergunto a cada dia que passa. Todas as perguntas no feminino,

justificando a fragilidade, é o que me dizem. Aqui, o que é distinto não multiplica, se mortifica. As podas chegaram às flores que brotavam por aqui. De minha boca sai apenas uma voz que manipula palavras que pouco significam, que pouco dizem.

Sr V.: *Sabe o que Bowie disse a Bob Dylan? Tem voz de areia e cola.*

Existem muitas vozes bonitas sem nada a dizer.

Você tem algo a dizer?

Ruby: *Acho que sim.*

(Recorte do diálogo entre o professor de coral e sua aluna. Filme: No ritmo do coração, 2021).

O medo e a insegurança também envolvem cada movimento de Ruby Rossi. Deleuze e Guattari (2011) trazem a concepção do capitalismo como microgestor dos medos dos sujeitos, capturando as inseguranças para nos manter dentro do sistema que não se importa com o que somos ou sentimos, desde que produzimos e consumimos. Para Ruby, que já está inserida em um modelo de família marginalizada, é difícil perceber que poderia caminhar passos futuros diferentes do previamente imposto: ser pescadora.

Mas quando, mesmo que por um impulso repentino, deixou o desejo ser motor do corpo por um instante, se inscreveu nas aulas de coral. Apesar de cantarolar a todo momento, o bullying desde os anos escolares iniciais deixou marcas. A personagem dá inspiração ao título original da obra. Ruby é CODA, sigla para *Child Of Deaf Adults* - filha de adultos surdos. Tanto seu pai (Frank), sua mãe (Jackie) e seu irmão (Leo) são surdos. Mesmo ouvinte, Ruby tem a língua de sinais como sua língua natural, sendo ensinada desde pequena por conta de sua família. Assim, toda sua relação com outros sujeitos, brinquedos, brincadeiras, manifestações artísticas e tecnológicas se deu a partir de referências culturais da língua de sinais, como Sá (2006) caracteriza a imersão na cultura surda. Quando ingressou na escola, não tinha domínio da língua oral, emitindo apenas sons que não eram correspondentes às palavras, motivo de ser considerada estranha, fora dos padrões para uma criança daquela idade, filha de pais surdos, destoante.

Num mundo de superficialidades não há espaço para a diferença, por isso o bullying como forma de enfraquecimento de sujeitos heterogeneizantes. O medo molda máscaras, nos dá um rosto capaz de ser aceito socialmente, apesar de oprimir internamente. A rostidade é bastante trabalhada por Deleuze e Guattari (2012), conceituando como um modo de ordenação de normalidades, de padrões, não só de corpos, da estética, mas do modo de ser, agir e pensar. Mas quem cabe nesses padrões? Quem os define? A quem lhes interessa?

Um rosto é fundamental para a linguagem, principalmente pelas expressões faciais guiarem demonstrações de sentimentos enrustidos nas falas. Deleuze e Guattari (2012) descrevem que sujeitos não falam uma língua em geral, mas uma língua que é significativa a uma rostidade específica. Ao dar outros usos às expressões faciais, a língua de sinais torna-se marginalizada. Não apenas por isso, mas

também porque nada diz e porque nada se escuta dali. A convicta superioridade da palavra dita camufla a língua de sinais e assim, ela se desenvolve nas entrelinhas, nas brechas, nas linhas de fuga, de um sistema que a desconsidera, a despreza.

Assim como ensina, toda palavra domina, comanda, ordena. As linhas de fuga da linguagem poderiam ser rotas para sair dessa captura, de se desprender desse rosto maquínico em ordem da oralidade. Stuart Hall (2016) elabora estudos sobre a semiótica, onde descreve que a linguagem fornece modelos de como a cultura e representação produzem sentidos sociais. A cultura surda produz significados diferentes às representações. Por isso ela é marginalizada, rejeitada, dita até inexistente. Utilizada de justificativa de pessoas surdas não se adaptarem bem a cultura oralista, de não se integrarem bem a sociedade.

2.1 E quando o que falo não é suficiente?

As rebeldias do corpo, da alma, acontecem a todo instante e para desconceituar o medo é que surgem as linhas de fuga. Espaços para onde correr, respirar, agenciar, subjetivar. É nesse momento de desejo como condutor que Ruby se inscreve na aula de coral e compartilha a sua voz doce com a turma. Que em completo silêncio apreciam o que nunca tinham reparado antes. Repousaram seu olhar em alguém que até então não era percebida.

O desejo, conceito recorrente na obra de Deleuze e Guattari (2010), não se significa unicamente no sentido sexual. Isso seria a redução do desejo a uma única causa. O desejo não é bom ou mal, é revolucionário, tudo atravessa. Não é falta. Pois a falta molda, reprime, fixa. E um sujeito fixo pode ser manipulado pelo sistema capitalista, pelos dominantes, no sentido da conformidade. O desejo é produção, é ir além do que pensa que se é, é impulso, potência, multiplicidade, construção de agenciamentos, é movimento. Por isso, revolucionário. Quando Ruby abraça o desejo de cantar, novas tramas aparecem em sua história, tentando fazê-la voltar ao caminho já delineado, na marginalidade de um futuro projetado por terceiros.

Sr V.: *Bem, não é areia e cola.*

(Recorte do diálogo entre o professor de coral e sua aluna. Filme: *No ritmo do coração*, 2021).

Mil sensações percorreram meu corpo enquanto assistia ao filme, de gargalhadas ao choro. O toque, a música e a sensibilidade. Meu corpo se fez em lágrimas. Por não ter ninguém que escutasse o que saía de sua boca, Ruby nunca soube que sua voz era extraordinária. O professor de coral percebeu quando escutou sua voz pela primeira vez, mas antes disso, a questionou como se sentia ao cantar, retratado no trecho de um diálogo entre os dois e na Figura 1.

Sr V.: *Como se sente quando canta?*

Ruby: *Não sei. É difícil de explicar.*

Sr V.: *Tente.*

(Recorte do diálogo entre o professor de coral e sua aluna. Filme: No ritmo do coração, 2021)

Figura 1: Recorte da resposta de como Ruby se sente ao cantar



Fonte: No ritmo do coração, 2021.

A forma de expressão natural de Ruby é a língua de sinais, já que aprendeu a interagir com o mundo e com seus sentimentos por meio dela. Isso pode ser confirmado quando as palavras não foram suficientes para expressar como se sentia. E, por diversas vezes, as palavras realmente não são suficientes. Quem já trouxe essas concepções em seus escritos foi Larrosa (2014), onde se pergunta sobre os tais monólogos que esvaziam a mente e ninguém escuta. Palavras vazias cheias de floreios, tornando tudo à sua volta raso, vago, inútil.

Já não estamos fartos dessas palavras que nada representam? Larrosa (2014) afirma que a linguagem está enferma, doente, reduzida a um mero instrumento de comunicação. Uma linguagem podre é sintoma de um mundo podre e formas de vidas podres. Quando perdemos nossa língua e caímos nas armadilhas linguísticas dos inimigos? Dos poderosos e opressores que determinam as capturas e superfaturações do desejo? As palavras apodrecem, assim como desalinham nossa vontade de combate. A covardia põe nome e significa todas as coisas. É preciso reinventar as palavras para nos dizermos, nos fazermos presença enquanto manipuladores da língua. Talvez aqui é que surge a potência da linha de fuga que é traçada pela língua de sinais.

Numa forma de traição, de limitação, as palavras não são suficientes para expressar o que está do lado de dentro. É assim comigo e com Ruby. Que utiliza da língua de sinais, língua marginal, ainda não dominada pelo capital, para representar como o cantar mexe com toda sua estrutura, fazendo rebulicar as borboletas do estômago, até se esvaír, levando-a para longe como a própria leveza.

2.2 Ciência, vibração e voz

A voz é transmitida na forma de ondas sonoras - descreve a ciência, que também determina significados, conceitos e poderes. Essas são ondas mecânicas que propagam energia através da matéria. Ao perpetuar as vibrações ao longo do meio em que se encontram, de modo geral, no ar, a voz chega aos tímpanos que vibram e é interpretada pelo cérebro (HALLIDAY, 2016). Uma pessoa surda não possui a decodificação das ondas sonoras através do aparelho auditivo, mas consegue sentir as vibrações através do restante do seu corpo.

Assim como sentimos a batida de uma música muito intensa dentro de nosso peito, as pessoas surdas também apreciam esse tipo de sentido. O “sentir a música” tem total coerência pelos olhos da ciência. Em relatos, as batidas fortes e repetitivas de músicas eletrônicas, hip hop e rap são apreciadas por pessoas surdas, uma vez que, geralmente o som grave possui maior intensidade (amplitude) e comprimento de onda sonora, sendo mais fácil de ser sentida (PEREIRA, 2016).

O sentir a música é retratado em dois momentos pela família Rossi. O primeiro é quando Frank e Jackie vão buscar Ruby na escola. No carro, estão ouvindo rap em volume bastante alto.

Ruby: *Abaixe isso. Está muito alto!*

[...]

Frank: *Eu adoro rap. Minha bunda inteira está vibrando!*

(Recorte do diálogo entre pai e filha. Filme: *No ritmo do coração*, 2021).

Acabamos restringindo toda a experiência que a música proporciona ao sujeito quando conceituamos apenas a parte audível. A música nunca foi apenas isso. Nem para a espectadora, nem para a musicista. O corpo inteiro reduzido a apenas um sentido - a audição - é inadmissível. Para reivindicar, a pele nunca mais deveria arrepiar ao se emocionar, ao sentir. O batuque dos tambores deveria tardar as batidas do coração. Os pés deveriam se imobilizar, impedindo seguir o compasso musical. Frank deixa bem claro que as batidas intensas do rap lhe agradam, porque sente atravessarem todo seu corpo.

O segundo momento acontece quando Frank e Ruby estão sentados lado a lado na caçamba da caminhonete. O pai pergunta o que significava a música que a filha havia cantado na apresentação do coral. Ruby explica, mas Frank quer sentir (Figura 2). Para isso, pede que Ruby cante, e cante alto, mais alto, com mais intensidade, para que pudesse sentir as vibrações que saem de seu peito. O incentivo, a aproximação, o toque e o carinho me fazem choramingar outra vez.

Figura 2: Recorte da cena em que Frank pede para sentir Ruby cantando a música da apresentação do coral

Fonte: No ritmo do coração, 2021.

Apesar da sigla CODA também ser utilizada no Brasil para se referir a filhas e filhos de adultos surdos, o título não foi mantido no português. O interesse comercial do filme, buscando que mais pessoas o consumissem, acabou alterando o título para *No ritmo do coração*, não mostrando qualquer relação com a cultura surda. Ao assistir e reassistir ao filme, percebo que essa cena entre Frank e Ruby é que possa ter sido a inspiração para o nome brasileiro. As mãos do pai no peito da filha, para sentir toda a paixão e vibração que atravessam o corpo na forma de cantar. Um ritmo antes não tão apreciado pela família, mas agora aspecto de tantas mudanças.

2.3 Como permanecer eu nos espaços que ocupo?

A relação de Ruby, a música, a família e a inquietude é escancarada em cima do palco, quando todo o coral se apresenta para a comunidade escolar. A inquietude começa no cérebro, afetando toda a nossa relação com o ambiente, destruindo familiaridade e certezas, tornando-as asfixiantes. É uma anormalidade de nossa relação com o espaço, nos fazendo questionar “onde estou?”, “o que faço aqui?” (LARROSA, 2004). As cenas que levam a esse entendimento foram pensadas de forma primorosa e sensível. Ruby no palco, cantando e se divertindo com seus colegas. Quando mostra a plateia, o som diminui, esvai, muta. Nos aproximando minimamente da perspectiva de sua família, que está pensando em coisas a fazer depois que terminar a apresentação ou prestando atenção na reação das pessoas à sua volta. Eles contemplam pessoas se emocionando e se alegrando, mas esses sentimentos não lhe atravessam da mesma forma. Ruby assiste lá de cima, ao longe.

Ao inquietar-se, é possível que Ruby tenha percebido que ainda não estava se expressando em sua completude ao cantar. Que ainda faltava algo. Por isso, ao perceber a presença dos pais durante a audição para a Universidade de Berkeley, ela muda sua apresentação, como ilustrado na Figura 3. Para toda a família Rossi, a representação do mundo é feita através da língua de sinais, linguagem significativa. Para Hall (2016) a representação “é a produção do significado dos conceitos da nossa

mente por meio da linguagem”. É entendível que Ruby utilize de sua língua natural para se conectar interiormente com a letra da canção, e da língua oral para realizar sua audição de forma que os avaliadores pudessem compreender. Agindo sutilmente em uma linha de fuga significativa a ela e a família.

Figura 3: Recorte da cena em que Ruby utiliza da língua oral e de sinais para a audição de ingresso à universidade.



Fonte: No ritmo do coração, 2021.

Ainda, podemos pensar sobre a seleção da música para a audição de Ruby. A escolha pela carreira musical desencadeou os mais diversos conflitos ao longo de toda a trama e, para representar essas contraposições, é apresentada a composição de Joni Mitchell (1966).

Both Sides Now

Rows and flows of angel hair
And ice cream castles in the air
And feather canyons everywhere
I've looked at clouds that way
But now they only block the sun
They rain and snow on everyone
So many things I would have done
But clouds got in my way
I've looked at clouds from both sides now
From up and down, and still somehow
It's cloud illusions I recall
I really don't know clouds at all
[...]

Ambos Os Lados Agora

Mechas de cabelos de anjos que dançam
E castelos de sorvete no ar
E cânions de penas em todo lugar
Eu olhava as nuvens desse jeito
Mas agora elas só bloqueiam o Sol
Elas trazem chuva e neve sobre todos
Tantas coisas eu teria feito
Mas as nuvens ficaram no meu caminho
Olho as nuvens de ambos os lados agora
De cima e de baixo, e ainda assim
São das ilusões das nuvens que eu me recordo
Eu realmente não sei nada sobre as nuvens
[...]

(Composição original: Joni Mitchell, 1966. Tradução disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mitchell-joni/26449/traducao.html>. Acesso em: 17 fev. 2023).

A música se relaciona com o momento ambíguo que Ruby viveu. Além da relação com a família, busca construir sua própria história ao escolher ingressar na universidade. O ficar e o ir. O futuro era seguir caminhos já traçados para ficar à sombra de uma sociedade que apodrece e segmenta. Que não a enxerga, nem a sua família. Até então, essa forma de viver parecia coerente, de maneiras

que até trouxesse felicidade e prazeres vez ou outra. No momento em que se inscreveu no coral é que mudanças aconteceram. O desejo movimentou. A partir de então, Ruby percebeu nuvens que cobriam o horizonte, que antes não lhe incomodavam. Não acredito que sua família seria essa nuvem, mas sim a imposição de um rosto que não lhe cabia. De um modo de vida que não lhe correspondia, que limita, que não deixa ir além. A partir de um impulso de Ruby, toda a família Rossi se desconfigurou, tomando espaços empreendedores, de liderança, se envolvendo e transformando a comunidade que vivem, até então impensáveis para pescadores surdos.

Além da língua de sinais, Ruby também está inserida na língua oral, dominante nos moldes capitalistas. O que antes era motivo de bullying, medo e vergonha, agora é exaltado dentro de sua performance. Olhar as nuvens dos dois lados, não dizendo que uma é mais bonita ou significativa que a outra. É permitir espaço para aprender com o outro, para o que ainda não se sabe. O futuro ainda é incerto, inexplicado, anuviado, mas é possível seguir para novos lugares. Espero que Ruby, assim como eu, perceba que sua voz tem algo a dizer. E que pode ser uma voz que incomoda, atropela e brada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio incentiva um novo caminho experimental para interconexões de objetos distintos, como artes visuais, filosofias, surdez, sociologias, ciências, psicologias e subjetividades. A distinção no formato de escrita não inviabiliza diálogos com campos científicos, uma vez que compomos com conceitos da Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, não consistindo em meras especulações. Além de expor a sensibilização que o filme possibilitou em aspectos pessoais, o ensaio também explicita ponderações feitas através do tempo, da leitura, releitura de autores, do assistir e reassistir ao filme.

As aproximações entre *No ritmo do coração* e a Filosofia da Diferença compõem uma linha de fuga alternativa para o entendimento de surdez retratado no filme. Isso porque o desejo motor, impulso produtivo que toma conta de Ruby é capaz de alterar o futuro predelineado que ela e sua família teriam. A partir da música, novos conflitos aparecem no dia a dia da família, porque saem da conformidade que lhes era estabelecido, imposto. A rostidade que se dá para pessoas surdas, inviabilizando novas formas de estar no mundo, reinterpreta desejos a fim de moldá-los para caber em um espaço minúsculo. Dificultando todo o entendimento da potência e subjetividade desses sujeitos.

Apesar de não conceituar escancaradamente, o filme traz aspectos que relacionam a música com a ciência, principalmente no que diz respeito ao corpo sentir as vibrações das ondas sonoras. O sentir a música em toda a profundidade, onde os pés balançam, a batida do coração descompassa e um sorriso se abre. A música em contato com todo um corpo, não se limitando a um único sentido.

A realização de certas escolhas, dentro desse recorte fictício, poderia ser compreendida como caminhos traçados para uma vida feliz. A felicidade poderia ser o trabalho como pescadora e a rotina já estabelecida. Poderia também ser a música, a universidade, a mudança. Mesmo o desejo, conceituado como produção de potências e subjetividade, ainda é produção. Não colocamos na mesma balança as produções capitais e do desejo, mas se tem espaço para a antiprodução? A eterna busca de uma vida com propósitos, utilidade e felicidade aos olhos do capital não cabe mais. Fazer o que se ama é um princípio de resistência dentro dessa conformação que asfixia? Realizar aquilo que mobiliza nosso corpo, nosso entendimento de mundo, nossas potências, dialogando e manipulando o sistema, é uma resistência possível? Como impulsionar o desejo dentro da lógica produtiva que manipula corpos? As brechas precisam multiplicar.

As palavras faltam para expressar a nossa relação com o mundo, uns com os outros. O que fazer com os sentimentos incapazes de serem expressos por conta da falta, por conta do controle de corpos, por conta do controle de linguagem. A língua de sinais, marginalizada por não utilizar da oralidade, é uma via possível para uma nova composição com o coletivo. Não quero me fazer caber na manipulação que começa na língua e perpassa para corpos e mentes. Que o desejo movimente, cante, dance, pinte e componha novas linhas de fuga para coletivarmos.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 3. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

ESPINOSA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GALLO, Silvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. 260 p

HALLIDAY, David. **Fundamentos de Física Vol. 2: gravitação, ondas e termodinâmica**. 10. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016. 643 p.

JONI MITCHELL. **Both sides now**. 1966. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mitchell-joni/26449/traducao.html>. Acesso em: 17 fev. 2023.

LIMA, André Luís de Souza. Capacitismo e eugenia na educação brasileira: uma reflexão a partir de aproximações epistemológicas. **Revista Philia**, S. L., v. 3, n. 1, p. 1-20, maio 2021.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**, [S.l.], v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NO RITMO DO CORAÇÃO. **Direção de Siân Heder**. Estados Unidos: Pathé e Vendôme Pictures, 2021.

PEREIRA, Sarita Araujo. **A utilização de tecnologias para ampliar a experiência sonora/vibratória de surdos**. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? In: PIRES, Paulo (Org.) **Doze ensaios sobre o ensaio**: antologia serrote. Rio de Janeiro: IMS, 2018.

Submetido em: 20 de março de 2023.

Aprovado em: 13 de junho de 2023.